

DOMINGO

E' domingo; dia, portanto, em que a gente pode fazer observações talvez não muito úteis, mas em todo caso honestas. Por exemplo: as casuarinas do Jardim de Allah estão crescendo e ficando belas: e agora começam a plantar alguma coisa do outro lado do canal, para dentro da ponte.

O erro das pessoas que saem à rua numa tarde de domingo é esperar que aconteça algo: domingo não é um acontecimento, é um estado dos séres e das coisas. Veja essa loja comercial: você passa por ela diariamente, e não a nota, ou melhor, nota a loja, mas não o prédio. Tudo o que vê é a vitrina de mau gosto cheia de calçados e de enfeites vermelhos, às vezes um sujeito na porta em mangas de camisa, às vezes uma senhora entrando com uma mocinha meio gorda para comprar um sapato — ou, quem sabe, pedir licença para telefonar.

Pois esse pequeno prédio tem a sua graça; é, certamente, dos mais antigos da rua, e não se pode dizer que seja bonito. Mas tem duas estatuetas lá no alto — duas mulherzinhas clássicas, de nariz reto e olhos vazios, com suas túnicas desenhando as formas do corpo, e cada uma com um pequeno seio a mostra. Devem ter sido copiadas de qualquer mediocre escultura antiga, ou feitas à feição antiga; não chegam a ser obras de arte, são mais propriamente enfeites comerciais.

Mas por que não reparar que afinal elas não são feias, que dão um certo encanto à fachada? O fato é que essas modestas filhas da Grécia só existem aos domingos. Pelo menos durante a semana ninguém as vê, pois é a loja aberta que chama a atenção do passante; e à noite, com a iluminação deficiente, são também pouco visíveis.

Ora, consideremos que, assim como essas, há outras moças que só existem aos domingos; e moças de verdade. Essas três que passam, por exemplo; cada uma com um vestido de uma cor, as três muito recentemente penteadas e pintadas; vão, com certeza, à vespéral do cinema. E são bem dominicais, com esse ar de quem foi à missa cedo, deu uma volta na praia, tomou banho de chuveiro, comeu o ajantarado tomando guaraná e pintou a boca outra vez antes de sair — são tão profundamente dominicais na roupa, no jeito de andar, no estado de espírito, que parece evidente que elas, também, só existem aos domingos.

Desemboco, dobrando uma esquina ao acaso, numa ruazinha sossegada, cheia de amendoeiras de praia. Paro um pouco, porque houve um morador que hoje — porque é domingo — pendurou todas as suas gaiolas de passarinho na varanda da frente, e eles estão cantando que faz gosto ouvir. E' claro que nos dias de semana esses passarinhos vivem lá dentro, suas gaiolas são penduradas nas janelas da sala de jantar e da copa, que dão para os fundos, talvez junto do tanque, no quintal; mesmo porque lá estão seguros; aqui seria muito fácil para qualquer ladrão roubar uma gaiola dessas.

Hoje, é claro, não há o menor perigo. Os ladrões, como é sabido, não trabalham aos domingos. Uns porque são muito religiosos, e guardam o preceito do Senhor. Outros não sei porque; talvez porque os jornais, domingo, são muito grandes, e eles começam a ler os jornais, ficam com sono e dormem à sesta. E' a casta volúpia dos domingos...

Bem, já fiz uma frase, acho que posso acabar a crônica: a frase não será grande coisa, mas é enfeitadinha e limpa, uma boa frase para um domingo. Vou-me à sesta.

R. B.

23.9.52